



“Deus viu que tudo era muito bom”: o jardim como dádiva e a criação em colapso

“God saw that everything was very good”: the
garden as a gift and creation in collapse

*Euler Renato Westphal**

UNIVILLE e FLT

Recebido em: 06/09/2024. Aceito em: 30/09/2024.

Resumo: *Este artigo aborda aspectos da crise ambiental atual sob a perspectiva de Gn 1,31, que diz “Deus viu que tudo era muito bom”. O texto bíblico apresenta a criação como dádiva aos seres humanos e chama ao uso responsável dessa criação. De acordo com a análise de Van Rensselear Potter, o “pensamento perigoso” do modelo civilizatório exploratório sugere que, embora o progresso material prometa felicidade individual, seu destino é o colapso. As necessidades básicas dos seres humanos devem ser atendidas; contudo, os desejos por consumo excessivo são insaciáveis. A teologia bíblica destaca a relação amorosa com a criação simbolizada pelo cuidado com o jardim, que deve ser visto como uma concessão para o uso responsável, e não como propriedade. Nesse contexto, Jürgen Moltmann oferece importantes referências teológicas. O objetivo deste artigo é promover uma reflexão sobre a criação como dádiva e o compromisso das pessoas com o cuidado com todas as formas de vida, diante da ameaça de um “juízo final” resultante do colapso do paraíso. A teologia cristã, fundamentada no relato da criação, que confessa “Creio em Deus todo poderoso, criador do céu e da terra”, implica um cuidado responsável com a criação para evitar que o caos, o tohuwabohu, se instale e transforme o paraíso em um inferno onde a vida, como a conhecemos, não seja mais possível. A luz, como primeiro ato da criação, dissipa as trevas, assim como Cristo é a “luz do mundo” que traz*

* Doutor Honoris Causa (Universidade Friedrich Schiller, Jena/Alemanha, 2023). Doutor em Teologia (Escola Superior de Teologia, EST, São Leopoldo, RS, 1997). Professor de Teologia Sistemática da Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, SC. Professor no Curso de Medicina, disciplina de Bioética. Professor no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade na Universidade da Região de Joinville, SC.

E-mail: eulerwestphal@gmail.com.





esperança em meio às forças destruidoras do caos. A metodologia empregada para a investigação do tema em questão é de natureza bibliográfica, fundamentada na literatura especializada e em dados disponíveis on-line.

Palavras-chave: *teologia da criação; fraternidade; ecoteologia.*

Abstract: *This article examines aspects of the current environmental crisis from the perspective of Genesis 1:31: “God saw everything that he had made, and it was very good”. The biblical text presents creation as a gift to humanity and calls for responsible stewardship of this creation before God. According to Van Rensselaer Potter’s analysis, the “dangerous thinking” of the exploitative model of civilisation suggests that while material progress promises individual happiness, its ultimate destiny is collapse. Basic human needs must be met, but the desire for excessive consumption is insatiable. Biblical theology emphasises the loving relationship with creation, symbolised by the care of the garden, which should be seen as a concession for responsible use, not as property. In this context, Jürgen Moltmann provides important theological references. The aim of this article is to encourage reflection on creation as a gift and on humanity’s obligation to care for all forms of life in the face of the threat of a “final judgement” resulting from the collapse of paradise. Christian theology, based on the account of creation, confesses “I believe in the Almighty God, Creator of heaven and earth”, implying a responsible care for creation to prevent chaos or tohuwabohu from taking hold and transforming paradise into a hell where life as we know it is no longer possible. Light, as the first act of creation, dispels darkness, just as Christ is the “light of the world”, bringing hope amidst the destructive forces of chaos. The methodology adopted for the investigation of the topic is bibliographic in nature, based on specialized literature and online data.*

Keywords: *theology of creation; fraternity; ecotheology.*

1 Introdução

O modelo civilizatório da modernidade trouxe inúmeros benefícios para a humanidade: a erradicação em grande medida de doenças prevalentes como sarampo, coqueluche, catapora, caxumba, sarampo, poliomielite e entre outras é um exemplo disto. Além dos avanços na área da saúde, podemos constatar melhores condições de higiene nas cidades, transportes ágeis e acesso a bens e serviços para a maioria da população. Ao mesmo tempo em que há benefícios para a humanidade a serem registrados, o esgotamento dos recursos do planeta Terra está chegando ao limite de seu colapso.

O propósito do presente artigo é trazer a questão da crise ambiental para uma discussão teológica a partir de aspectos dos relatos da criação. Entendo que se faz necessário uma profunda reflexão sobre este cená-



rio, que pode ser considerado apocalíptico, assim como buscar atitudes individuais, coletivas e de políticas públicas que minimizem os danos à criação. O artigo destaca as consequências destrutivas da ação humana por meio da tecnologia, culminando na crise climática e causando efeitos devastadores para diversas formas de vida, em todas as regiões do planeta. No entanto, os textos bíblicos reafirmam a dignidade da boa criação de Deus, conforme proferido no Credo Apostólico, “Creio em Deus todo poderoso, criador do céu e da terra”. Diante das perspectivas de colapso do jardim do paraíso, Cristo se revela como a luz que ilumina e venceu as forças destrutivas do *chaos*, o *tohuwabohu*.

2 Descrevendo as perspectivas sombrias

No contexto das questões climáticas, constata-se o desaparecimento de borboletas, pássaros, plantas, árvores, mamíferos selvagens, répteis e, em especial, anfíbios. Percebe-se empiricamente que “o enriquecimento de vidas individuais” (Potter, 2016, p. 87) está destruindo as condições para que a sobrevivência das próximas gerações esteja garantida. Constatações de olhares atentos do que se passa no cotidiano são confirmadas pelas pesquisas científicas ao redor do planeta. A crise ambiental não se limita ao aumento das temperaturas, mas perpassa o expressivo aumento da industrialização, da produção de bens e do consumo desenfreado. Portanto, o problema ambiental é de natureza cultural, que impacta na saúde humana e ambiental (Rossi; Selbach; Westphal, 2024, p. 4).

2.1 O “pensamento perigoso” e a crise climática

O cientista norte-americano Van Rensselaer Potter (1911-2001) observou, a partir de suas pesquisas oncológicas em 1971, o nexos causal entre o aumento exponencial de pessoas jovens com diagnóstico de câncer e o uso da tecnologia. Desde a década de 1950, estudos realizados por oncologistas, colegas seus, já constatavam a inter-relação entre saúde humana e saúde ambiental. Uma analogia utilizada para explicar essa relação é a comparação entre o câncer e o poder destrutivo dos seres humanos sobre outras formas de vida: “Em outras palavras, podemos perguntar se o destino humano é ser pela terra viva o que o câncer é para o homem?” (Potter, 2016, p. 29). Assim, houve publicações, na década de 1960, de pesquisas consistentes, apontando à associação direta entre o



uso de pesticidas e as doenças de descontrole celular. Segundo o cientista americano, “Estamos dizendo que sem os pesticidas e os herbicidas o trabalho seria impossível e agora estamos começando a ouvir que o homem pode estar ameaçado por algum dos muitos produtos químicos que se dizia serem sua salvação” (Potter, 2016, p. 29). A partir disso, ele propõe uma ciência da sobrevivência que possa reconectar dimensões humanas e ecológicas, saúde humana e saúde ambiental, cultura e religião, ciências exatas e ciências humanas, superando a compartimentalização das ciências. O autor denomina de “conhecimento perigoso” (Potter, 2016, p. 90) aquele que está na mão de especialistas, cegos para a realidade complexa. Segundo ele,

o conhecimento perigoso não é frequentemente reconhecido como tal no momento de sua descoberta. Um produto químico pode ser concebido em uma tentativa de curar o câncer, em seguida verificase que ele é eficaz como um herbicida e, finalmente, é usado como herbicida para destruir o fornecimento de uma nação inteira (Potter, 2016, p. 90).

No início do século XX observava-se que o domínio do ser humano sobre as criaturas estaria trazendo malefícios para toda a sorte de espécies. O teólogo luterano e educador Paul Max Fritz Jahr (1895-1953) apontava à crise do modelo civilizatório da modernidade com suas rupturas nas relações entre seres humanos, animais e plantas (Jahr, 1927, p. 2-4). Jahr e Potter tinham como propósito uma visão interdisciplinar das ciências bem como a sobrevivência do Planeta Terra. Jahr – e não Potter – cunhou a palavra “Bioética” como compromissos éticos para com os seres humanos, bem como todas as formas de vida e a sustentabilidade do planeta (Schochow; Grygier, 2012, p. 1; Pessini, 2012, p. 9-19).

Este propósito pode ser resumido na afirmação “O objetivo final deveria ser não somente o enriquecimento de vidas individuais, mas o prolongamento da sobrevivência da espécie humana em uma forma aceitável de sociedade” (Potter, 2016, p. 87). Os problemas ambientais apontados pelos dois pesquisadores podem ser observados nas experiências do nosso cotidiano: as temperaturas cada vez mais elevadas, a estação do inverno quase inexistente, os verões mais quentes, assim como as secas mais frequentes, inclusive em regiões como a Amazônia, e as inundações mais intensas, como aconteceu repetidamente no sul do Brasil, em especial, no Rio Grande do Sul.



2.2 O glaciador do “juízo final”: consequências dos impactos ambientais

Segundo uma publicação dos resultados de uma rede de pesquisa internacional, que está monitorando as alterações climáticas na Groenlândia e na Antártida desde o início dos anos 2000, foi constatada uma perda significativa de quase todas as formas de vida na Terra. Surpreendentemente, aspectos novos, que ainda não estavam no horizonte dos pesquisadores no início do século XXI, foram observados. No último ano, descobriu-se que o *Glaciador Thwaites*, “a geleira do fim do mundo”, localizada no mar de Amundsen, está descongelando a uma velocidade inimaginável. Em função disso, cientistas passaram a denominar este processo das geleiras de *doomsday glacier*, ou seja, “glaciador do juízo final”. Nos últimos doze meses, até maio de 2024, houve um aumento sem precedentes das temperaturas médias em todo o planeta. Esse calor extremo está causando fraturas no manto de gelo na parte inferior dessas geleiras (Aquino, 2024, 15’05”). Nos últimos anos, na Antártida, o inverno não ocorre mais como era costume. Pela primeira vez, foi registrado aumento global de 1.5 graus Celsius ao longo dos últimos doze meses (Mulckey, 2024).¹ As atividades humanas, como a exploração das minas de cobre no Chile, têm efeitos mensuráveis na Antártida. De igual modo, a deflorestação na Amazônia traz impactos nessa região gelada do planeta. Consequentemente, as alterações nas geleiras geram eventos climáticos extremos, em especial, no sul do Brasil, como enchentes, ciclones bomba e secas extremas (Aquino, 2024, 21’13”). A Antártida que tem a função de resfriar o planeta não dá mais conta de cumprir esse papel porque a Terra “está febril”, conforme mencionado na palestra do cientista Francisco Eliseu Aquino (2024, 20’:48”).

Assim como as pesquisas observaram essas alterações no extremo sul do planeta, também há secas recorrentes na região da Amazônia. Após as secas nos anos de 2005 e 2010, houve um recorde de eventos climáticos extremos na Amazônia em 2023. Devido à perda de 18% de sua cobertura florestal, surgem indícios de um “ponto de não retorno”, com áreas se transformando em cerrado e savanas (Andrade, 2024). Desse modo, o panorama de “juízo final” não se aplica apenas para os glaciares da Antártida e da Amazônia, mas também para outras regiões do planeta (Climainfo, 2024, p. 1).

¹ Tradução nossa: For the first time the world was 1.5 degrees warmer compared to pre-industrial times.



As más notícias não cessam. O permafrost (camada congelada do subsolo da crosta terrestre) vem se perdendo: nas regiões geladas no Círculo Polar Ártico, está se acelerando devido ao aumento da temperatura média de 2.5 graus Celsius, que é a média mais alta registrada em todo o globo. Além disso, a perda deste pergelissolo poderá ativar micro-organismos letais que estavam congelados há centenas ou milhares de anos, potencialmente causando epidemias em animais e humanos (Bykova, 2020). Além desse potencial destrutivo, o derretimento do permafrost está revelando segredos que a humanidade fez questão de esconder ao longo das últimas décadas: essas áreas foram utilizadas para o descarte de lixo químico, biológico e materiais radioativos (Cho, 2022).

Não é demais lembrar que, segundo constatação de cientistas, a pandemia da Covid-19 foi causada, em parte, por fatores ambientais. A pandemia revelou a interrelação entre saúde humana e meio ambiente, assim como o processo civilizatório da modernidade, caracterizado pela produção industrial sem limites e pelo descarte irresponsável dos resíduos dessa produção no meio ambiente (Kreutz; Heitmann; Schäfer; Aldudak; Schieffer; Schieffer, 2023, p. 234).

2.3 Uma tragédia anunciada e não ouvida: avisos da criação ignorados

Vimos que o teólogo Fritz Jahr, assim como Van Rensselaer Potter, alertava para o risco de que o “conhecimento perigoso” pudesse produzir um colapso ambiental. Embora Potter não fosse teólogo, ele se inspirava em teólogos como Teilhard de Chardin e Albert Schweitzer para integrar sabedoria e prudência ao conhecimento científico, considerando todas as formas de vida (Potter, 2016, p. 110-116).

Na teologia contemporânea, Jürgen Moltmann (1993, p. 34) aponta para a conexão entre os países industrializados e o contexto da cultura da cristandade que, segundo ele, perverteu a frase do relato da criação de subjugar a terra (Gn 1,28). A história da ciência moderna está fundamentada na compreensão de que o serviço a Deus acontece na ética cotidiana como serviço em benefício do próximo. Segundo o filósofo Charles Taylor (1931), “A teologia puritana do trabalho e da vida cotidiana criou um ambiente propício para a revolução científica. Na verdade, grande parte da visão de mundo de Bacon deriva de uma base puritana” (Taylor, 2013, p. 296).



Assim, a partir do exercício do poder sobre a natureza, Francis Bacon (1561-1626), um dos principais influenciadores da revolução científica da modernidade, entendia que o ser humano resgataria a sua imagem perdida pela queda no paraíso. De maneira similar, o método analítico de Descartes, que divide a realidade em partes, é visto como essencial para que a natureza seja submetida à vontade do ser humano. Assim, a máxima *Divide et impera!* (Divida e conquistará) desloca o ser humano de sua posição de comunhão com os seres da criação para uma posição de domínio (Moltmann, 1993, p. 39-41).

Com esse deslocamento e ruptura, não se prioriza mais o entendimento, a prudência e a sabedoria, mas sim o poder como forma de domínio sobre todos os seres da criação. Para que a Terra pudesse ser dominada, as relações fraternas dentro da criação foram desconstruídas, sendo substituídas por relações de poder e domínio. A palavra “natureza”, passou a ser entendida como uma concatenação de um nexos causal mecânico, sem referências às dimensões de comunhão entre todos os seres criados por Deus (Westphal, 2020, p. 42-51). Bacon utiliza a linguagem da escravidão para justificar a submissão da natureza à servidão dos seres humanos, acreditando que, dessa forma, o domínio do ser humano sobre a natureza permitiria resgatar a imagem de Deus (Bacon, 1973, Tese III).² Na década de 1980, Jürgen Moltmann apresentou uma extensa revisão bibliográfica sobre a crise civilizatória, a partir de pesquisas realizadas na década de 1950 e publicadas a partir de 1960. Ele constatou que tanto o sistema capitalista quanto o comunista do leste europeu apresentavam o mesmo fenômeno civilizatório destruidor. Segundo Moltmann, “O fato de a ciência transformar a natureza em objeto leva à exploração da natureza pelo ser humano” (Moltmann, (1985, 1993, p. 42).³ Na perspectiva latino-americana, Vitor Westhelle (1990, p. 16-26) aponta para a desigualdade na ocupação do solo e no consumo de recursos naturais, bem como para a contradição entre os benefícios para a população que tem acesso aos recursos e aquela que está desprovida dos mesmos.

² A linguagem de Bacon diz: “I am come a very truth leading to you Nature with all her children to bind her to your service and make her your slave”.

³ Tradução nossa: „Die wissenschaftliche Objektivierung der Natur führt zur technologischen Ausbeutung der Natur durch den Menschen”.



Nesse contexto, Moltmann critica a civilização técnico-científica da modernidade (*moderne wissenschaftlich-technischen Zivilisation*) enquanto paradigma tecnocrático, que estabeleceu o poder técnico como norma, rompendo com as dimensões da verdade e da bondade como critério ético no empreendimento civilizatório (Moltmann, 1985, 1993, p.40-41).

O teólogo brasileiro Leonardo Boff, sob o olhar da Teologia da Libertação, percebe conexões entre os oprimidos humanos e o grito da Terra, interpretando-o como expressão do clamor contra a opressão que os seres humanos impõem à criação. Segundo ele, “O ser humano pode ser o satã da Terra, ele que foi chamado a ser seu anjo da guarda e cultivador zeloso. Ele mostrou que além de homicida e etnocida pode se transformar em biocida e geocida (Boff, 1995, p. 11-12). Essa destruição da criação incluiu, por exemplo, a chacina de povos indígenas na Amazônia. Boff relata esse extermínio com palavras tocantes, “...a firma Arruda e Junqueira ordena que sobre a aldeia dos cinta-largas, durante um cerimonial, se joguem sacos de açúcar. Os indígenas os recolhem alegremente. Logo, em seguida, em voo rasante são dinamitados e chacinados” (Boff, 1995, p. 155). Destino semelhante foi reservado ao povo indígena Nhambiquara, que vive no oeste do Mato Grosso e em Rondônia, sendo alvo da mineração e da extração ilegal de madeira. A população abaixo da faixa etária dos 15 anos foi dizimada, “os que estavam no fértil vale do Guaporé foram atingidos pelos desfolhantes lançados de avião em suas terras” (Boff, 1995, p. 155).

3 Aspectos teológicos sobre a boa criação diante do colapso ambiental

Ao longo de séculos, o cristianismo interpretou o *dominium terrae* como se a Terra fosse um objeto destinado à exploração. No entanto, Gn 1,26 aponta para a comunhão entre os seres criados. Lutero, no Primeiro Artigo do Catecismo Maior, afirma, “Creio que sou criatura de Deus, isto é, que ele me deu e sem cessar conserva, corpo, alma e vida, pequenos e grandes membros, todos os sentidos, razão e inteligência, etc.; comida e bebida, vestimenta, alimento, mulher e filhos, empregados, casa e lar,” (Lutero, 1529; 2000, p. 391). O reformador também inclui plantas e animais, assim como ar, fogo, água, terra, e o bom governo a paz e segurança. No testemunho bíblico, Deus colocou Adão para cultivar e



cuidar do jardim, o que significa que o ser humano é incumbido de trabalhar a terra e criar culturas (Westphal, 2019, p. 1-11). Na explicação ao Primeiro Mandamento, do mesmo Catecismo Maior, Lutero diz “As criaturas são apenas a mão, o canal e o meio através do qual Deus tudo concede, assim como dá seios e leite à mãe para dá-los à criança, e dá grãos e toda espécie de frutos da terra para alimentação” (1529, 2000, p. 337). Assim, a cultura representa a relação que o ser humano desenvolve com os seres da criação (Westphal, 2021, p. 35-56).

3.1 Deus não desiste da sua criação caída: esperança em tempos de colapso ambiental

Deus colocou o ser humano no Éden para ser cocriador com Ele. Enquanto somente Deus cria vida do nada, o ser humano é incumbido de criar novas coisas, como utensílios, produtos agrícolas, tecnologias como mandato cultural de Deus dentro do contexto da criação. Deus forma o *Adam*, que deriva da palavra hebraica, *adamah*, significando “terra fértil”. Adão, como nome próprio, recebe a tarefa de cultivar a *adamah*, a “terra fértil” que fornece as condições para o sustento da vida (Gn 3,23) (Bíblia Hebraica, 1984; Gesenius, 1962, p. 10).

De modo semelhante, *Hawwa*, que significa vida, é conhecida como Eva, recebe a incumbência de preservar e transmitir a vida (Gn 3,20). Decorrente disso, desde os primórdios, ambos os personagens são encarregados de cultivar e preservar a vida por meio do cultivo e da procriação (Feldmeier; Spieckermann, 2015, p. 273). No hebraico, o termo “cultivar” também se refere à elaboração e criação de instrumentos para o cultivo na terra, bem como ao desenvolvimento da humanidade, da música, de objetos artísticos, da literatura, da linguagem e da beleza. Cultivar, portanto, é parte da cultura que torna a vida possível. Quando Deus colocou Adão no Paraíso para cuidar e trabalhar, Ele lhe concedeu liberdade para utilizar tudo o que havia no jardim para não sofrer privações. A vida está garantida e a convivência com os seres da criação é marcada pela liberdade e fraternidade. Esses seres, assim como Adão, foram criados pelo mesmo Criador. Adão, como criatura, tem a tarefa de nomear os seres vivos do Paraíso, isso implica exercer domínio por meio do reconhecimento do “rosto” do outro, incluindo os seres não humanos (Westphal, 2020, p. 84-90). O pecado do primeiro casal resultou em rupturas radicais entre Deus, a criação e o ser humano. No entanto,



Deus não difama a criação caída e não nega a condição do ser humano como imagem de Deus.

O sopro de Deus, a *Ruah* de Deus, é o que garante que o ser humano se torne *nephesh*, ou “vida”, frequentemente traduzido por “alma vivente” na maioria das versões da Bíblia (Gn 2.7). Isso ilustra a dependência da humanidade no ato criador do sopro de vida, *Ruah* de Deus (Brueggemann, 2014, p. 595-596). Desse modo, a palavra *nephesh* engloba o ser humano na sua totalidade, como demonstrado no estudo aprofundado de Willibaldo Ruppenthal Neto (2016, p. 31-53). Assim, o conhecimento deve ter como propósito a participação em uma comunhão cuidadosa com os seres da criação, em vez de dominá-los e explorá-los, como se fossem objetos e escravos. A tragédia anunciada, para a qual se chama atenção há décadas, revela uma realidade em que o ser humano transformou os seres da criação em cativos da opressão humana, manifestada na forma do grande capital e dos interesses de gigantescas corporações (Moltmann, 1995, p. 60-61).

3.2 O gemido da criação no jardim do paraíso: reflexões sobre a presença de Deus em meio ao caos

Em meio à crise global na qual vivemos, faz-se necessário considerar aspectos da teologia da criação. A ruptura entre criação e o desenvolvimento técnico criou dicotomias que opõem o cuidado com a exploração da criação, o “conhecimento perigoso” científico e sabedoria. Nesse contexto, destaco que o relato da criação não tem como objetivo apresentar alguma teoria científica sobre as origens da vida em todas as suas formas. A questão fundamental é que o ser humano e todas as criaturas provêm de Deus e existem na perspectiva de Deus, como diriam os medievais, *Coram Deo* (Feldmeier; Spieckermann, 2015, p. 267). Deus diz um basta ao *Chaos* por meio de sua ação criadora, que ocorre por meio da sua palavra.⁴ Assim, ele cria todos os seres vivos, culminando com a criação do ser humano, homem e mulher. A esses seres humanos não é conferido poder absoluto. Muito pelo contrário, são inseridos na comunhão com animais e plantas. O ser humano é uma criatura entre criaturas; ele não é Deus, mas é feito à imagem de Deus (Gn 1,26-27; 9,6). Nesse jardim criado para o convívio das criaturas, o ser humano

⁴ *Chaos* significa a força destruidora da vida, hostil ao doador da vida, que é Deus. A culpa e o pecado de Israel apontam para o *chaos* que existia antes do ato da criação. O *chaos* e a culpa são forças sinistras cuja função é destruir. (Feldmeier; Spieckermann, 2015, p. 267).



ocupa posição de destaque, pois o Senhor da vida estabelece diálogo com os seres humanos. Assim, as pessoas recebem a tarefa de cuidar das “cocriaturas”. “A ordem para dominar não concede poderes para a exploração da criação, mas determina o cuidado dela. O ser humano não pode sequer comer as criaturas sobre as quais deve dominar; a comida de ambos deve ser vegetariana” (Gn 1,29s) (Feldmeier; Spieckermann, 2015, p. 271). O foco do relato da criação é apresentar a criação como algo novo e maravilhoso, chamado à existência pela palavra de Deus contra as forças do *Chaos*, que imperavam sobre o vazio. Pelo poder da palavra (*Dabar*) e do Espírito (*Ruah*), que Deus cria (*Barah*), algo novo em meio à não existência, que é o *tohuwabohu*. A palavra *Barah* expressa o agir de Deus semelhante ao oleiro que modela a argila com cuidado e fineza artística (Brueggemann, 2014, p. 216-215). Assim, com base na dinâmica do ato criador de Deus, o primeiro artigo do Credo Apostólico afirma: “Creio em Deus Todo-Poderoso, criador do céu e da terra”.

Segundo Dietrich Bonhoeffer (1933, 2007, p. 38-39), a palavra de Deus não é um símbolo ou uma ideia abstrata, mas chama à existência novas realidades, derivadas da luz como criatura. Essa palavra representa ação. No Hebraico, o termo para *Chaos* carrega em si a dimensão do vazio, destruição, monstruosidade e horror, expressado pelo par de palavras *Tohu wabohu*. As traduções geralmente não capturam completamente o significado transmitido pela sonoridade gutural das palavras hebraicas *Tohu wabohu*. O universo se encontrava na condição de uma realidade de não existência, descrita pela sonoridade e significado de uma realidade aterradora como precipício, trevas, terror da não existência (Westermann, 1985, p. 143-144).

3.3 A fraternidade na tragédia e na esperança entre todas as formas de vida

O autor do relato da criação em Gênesis confronta-se com a experiência do *mysteryum tremendum*. Esta criação, ao contrário do numinoso e horrendo, traz luz que se impõe sobre a não existência no interior do horror das trevas. “Disse Deus: Haja luz; e houve luz” (Gn 1,3). A partir desse momento, impõem-se limites ao horror do *Chaos*, e a luz, como possibilidade de vida, entra triunfante derrotando os poderes das trevas. “E viu Deus que a luz era boa; e fez separação entre a luz e as trevas” (Gn 1,4). Assim, a luz se torna condição e possibilidade para a existência da vida. A luz é considerada boa, como criação, enquanto as trevas representam a não existência, que não foi criada (Westermann,



1985, p. 158). No final do processo de criação, “Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. Houve tarde e manhã, o sexto dia” (Gn 1,31). O foco do relato da criação é o testemunho de que Deus, em sua soberania, criou algo completamente novo; o relato da criação diz que ela é dádiva, e não propriedade.

Assim, ao longo da história, o ser humano frequentemente fez mal uso de sua tarefa, elevando-se à posição de deus e exercendo seu domínio de forma idolátrica. A proibição de comer do fruto da árvore do conhecimento tem a função de proteger o ser humano de sua própria maldade, pois ele não quer permanecer como criatura, mas ambiciona tomar o lugar de Deus. A liberdade concedida é transformada em uma liberdade autônoma: o projeto do ser humano é inventar-se como criador (Feldmeier; Spieckermann, 2015, p. 274). Mesmo após o Dilúvio, que representou uma ruptura fundamental entre Deus e sua criação, os seres da criação continuam a usufruir das promessas de bênçãos, pois Deus estabeleceu a sua aliança com todas as criaturas (Gn 9,16). “Criação representa o sim fundamental de Deus para o mundo e o ser humano apesar do mal; ela é a proto-história de sua vontade de se relacionar, cuja origem está na sua vontade amorosa” (Feldmeier; Spieckermann, 2015, p. 275). A tragédia do ser humano é que, em vez de adorar Deus como criador, ele ambiciona ser Deus. Inserido entre as criaturas, o ser humano as adora e adora a si mesmo como criatura (Rm 1,18-25). Assim, o ser humano não é capaz de reconhecer Deus, mas cria ídolos a partir das coisas criadas (Bonhoeffer, 1933, 2007).

Diante disso, a visão de que Deus ama o mundo na sua totalidade confere uma perspectiva que enxerga a criação como o nosso próximo. Não apenas o ser humano é nosso próximo, mas também os seres da criação. Há uma fraternidade na tragédia e na esperança que une todos os seres (Rm 8,18-22).

Na tragédia, toda a criação sofre com a realidade da morte, da transitoriedade, e do sofrimento impostos pelo pecado, evidenciado na destruição dos seres vivos. “Porque sabemos que toda a criação a um só tempo geme e suporta angústias até agora” (Rm 8,22). Paradoxalmente, há uma solidariedade na esperança, pois todos aguardam a realização do Reino de Deus, que representa a superação da morte e do sofrimento (Pöhlmann, 1990, p. 150-151). “E não somente ela, mas também nós que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo” (Rm 8, 23).



Conclusão

Diante das crises mundiais – em especial a ambiental, na qual a humanidade se encontra – a teologia pode contribuir para que se busque a dimensão da criação como parte fundamental do credo cristão. O Primeiro Artigo do Credo Apostólico, que afirma “Creio em Deus Todo-Poderoso, criador do céu e da terra”, ecoa todo o testemunho bíblico fundamentado no relato da criação. Diante do pensamento perigoso do modelo civilizatório econômico, social e cultural do qual a humanidade se orgulha, vislumbra-se um mundo caótico em breve. A criação de Deus consistiu em lançar luz sobre o *tohuwabohu* da não existência, dissipando o horrendo e tremendo *Chaos*. O ser humano foi colocado neste jardim para cuidar dele, de maneira semelhante à ação artística do cuidado de um oleiro, quando Deus criou o ser humano, e lhe concedeu *nefesh*. No entanto, esse mesmo ser humano usurpou o lugar de Deus, fazendo-se um deus que se assemelha mais a um causador do *chaos*, marcado pelo terror das trevas e da morte, que se alastra sobre todos os seres da criação. Desse modo, segundo relatório cientificamente robusto do *The Global Assessment Report*, a humanidade perdeu a percepção do desastre iminente que enfrentaremos nos próximos anos. O relatório atribui a passividade diante desses desastres a uma “percepção fraturada” (broken perception) do risco, caracterizada pelo “otimismo, subestimação e sensação de invencibilidade” (UNDRR, 2022).⁵ Ao contrário dessa tendência global, as comunidades cristãs são chamadas a não transformarem os recursos da criação em ídolos, adorados como se fossem o seu criador. A “percepção fraturada” dos riscos ambientais pode ser corrigida pela mesma Palavra e pelo Espírito que criaram a luz e expulsaram as trevas. Isso nos lembra da inequívoca declaração nos Evangelhos de que Jesus Cristo é a luz do mundo. Com o *egó eimí*, “Eu sou” a luz do mundo; quem me segue não andarás nas trevas, pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8, 12), Cristo, verdadeiro homem, verdadeiro Deus, é a luz que irrompe na escuridão da criação caída e que está sendo destruída pelo pecado em suas formas concretas. Esse pecado ultraja o propósito de Deus de que os *Adam* e *Ewva*, criados à sua imagem, sejam jardineiros, cuidadores, oleiros, artistas da criação.

⁵ UNDRR é o ponto focal das Nações Unidas que supervisiona o Quadro de Sendai para a Redução do Risco de Desastres 2015-2030. Disponível em <https://reliefweb.int/organization/undrr>.



Referências

AQUINO, Francisco Eliseu. Geleira do Juízo Final pode elevar o mar em até 3 metros. *Observatório de Justiça e Conservação*. 11 de jun. 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/live/_hSCV1XqQrQ/ Acesso em: 19 jul. 2024.

ANDRADE, Rodrigo de Oliveira. Seca que afetou a Amazônia em 2023 causou a maior queda nos níveis dos rios já registrada, e está relacionada a mudanças climáticas, mostra estudo. *Jornal da UNESP*. 20 abr. 2024. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2024/04/24/seca-que-afetou-a-amazonia-em-2023-causou-a-maior-queda-nos-niveis-dos-rios-ja-registrada-e-esta-relacionada-a-mudancas-climaticas-mostra-estudo/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

BACON, Francis. Aforismos sobre a interpretação da natureza e o Reino do homem. In: *Novum Organum*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. vol. 13, p. 8-237.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Ed. por Karl Elliger & Wilhelm Rudolph. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1984.

BÍBLIA SAGRADA. João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1976.

BONHOEFFER, Dietrich. *Schöpfung und Fall*. 3. Aufl. Gütersloh: Chr. Kaiser, 2007.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo: Editora Ática, 1995.

BRUEGGEMANN, Walter. *Teologia do Antigo Testamento*. Trad. Jonathan Luis Hack. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014.

BYKOVA, Alina. Permafrost Thaw in a Warming World: The Arctic Institute’s Permafrost Series Fall-Winter 2020. In: *The Arctic Institute: Center for Circumpolar Security Studies*. 1. October 2020. Disponível em: <https://www.thearcticinstitute.org/permafrost-thaw-warming-world-arctic-institute-permafrost-series-fall-winter-2020/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

CLIMAINFO. *Seca faz Amazônia virar “barril de pólvora”, e queimadas batem recorde*. 10 jul. 2024. Disponível em: <https://climainfo.org>.



br/2024/07/10/seca-faz-amazonia-virar-barril-de-polvora-e-queimadas-batem-recorde/. Acesso em: 19 jul. 2024.

CHO, Renée. What Lies Beneath Melting Glaciers and Thawing Permafrost? *Columbia Climate School: Climate, Earth, and Society*. 13 set. 2022. Disponível em: <https://news.climate.columbia.edu/2022/09/13/what-lies-beneath-melting-glaciers-and-thawing-permafrost/>. Acesso em: 22 jul. 2024.

FELDMEIER, Reinhard; SPIECKERMANN, Hermann. *O Deus dos vivos: uma doutrina bíblica de Deus*. Trad. Uwe Wegner. São Leopoldo: Sinodal; Faculdades EST, 2015.

GESENIUS, Wilhelm. *Handwörterbuch über das Alte Testament: Hebräisches und Aramäisches*. Berlin: Springer-Verlag, 1962.

LUTERO, Martinho. Catecismo Maior. 1529. In: *Obras Seleccionadas: Vida em Comunidade*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. vol. 7, p. 325-4.

MOLTMANN, Jürgen. *Gott in der Schöpfung: ökologische Schöpfungslehre* (1985). 4. Aufl. Gütersloh: Chr. Kaiser, 1993.

MULKEY, Sachi Kitajima. Antarctica's 'Doomsday Glacier' Is Melting Even Faster Than Scientists Thought. *Scientific American*. 19 may, 2024. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/antarcticas-doomsday-glacier-is-melting-even-faster-than-scientists-thought/>. Acesso em: 19 jul. 2024.

JAHR, Fritz. Bio-Ethik. Eine Umschau über die ethische Beziehung des Menschen zu Tier und Pflanze. *Kosmos*, 1927, p. 24:2-4.

PESSINI, Leo. As origens da bioética: do credo bioético de Potter ao imperativo bioético de Fritz Jahr. *Revista Bioética* (Impr.), 2013; 21(1):9-19. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/784/849. Acesso em: 20 jul. 2024.

PÖHLMANN, Horst Georg. *Abriss der Dogmatik: Ein Kompendium*. 5. verb. erw. Aufl. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus; Gerd Mohn, 1990.

KREUTZ, Julian; HEITMANN, Juliane; SCHÄFER, Ann-Christin; ALDUDAK, Sümeya; SCHIEFFER, Bernhard; SCHIEFFER, Elisabeth. Environmental factors and their impact on the COVID-19 pandemic. *Springer Link*, v. 48, p. 234-238. Disponível em: <https://www.springer.com>. Acesso em: 25 abr. 2023.



ROSSI, Rafaela; SELBACH, Manoela Duarte; WESTPHAL, Euler. Bioética como ciência da sobrevivência: análise do abuso do conhecimento. *Revista Bioética*, v. 32, p. 1-6, 2024. Disponível em: https://revistabioetica.cfm.org.br/revista_bioetica/article/view/3632/3284. Acesso em: 20 jul. 2024.

ROWE, Mark. The big thaw: melting permafrost is causing a global problem. *Geographical Magazine*. 8 mar. 2023. Disponível em: <https://www.geographical.co.uk>. Acesso em: 22 jul. 2024.

RUPPENTHAL, Willibaldo Neto. O conceito de Nefesh no Antigo Testamento. *Vox Scripturae: Revista Teológica Internacional*, v. XXIV, n. 1, p. 31-53, jan.-jun. 2016.

SCHOCHOW, Maximilian; GRYGIER, Jonas. 1927 – Die Geburt der Bioethik in Halle (Saale) durch den protestantischen Theologen Fritz Jahr (1895-1953). In: *Institut für Geschichte und Ethik der Medizin an der Martin-Luther-Universität Halle-Wittenberg*. 29 nov. 2012. Disponível em: https://www.hsozkult.de/conferencereport/id/fdkn-123409#mtAc_fdkn-77640. Acesso em: 19 jul. 2024.

TAYLOR, Charles. *As fontes do Self: a construção da identidade moderna*. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

WESTERMANN, Claus. *Genesis*. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1985.

WESTHELLE, Vitor. A voz que vem da natureza. *Estudos Teológicos: Programa de Pós-graduação em Teologia*, v. 30, n. 1, p. 16-26, 1990. São Leopoldo.

WESTPHAL, Euler Renato. *Secularization, Cultural Heritage and the Spirituality of the Secular State: Between Sacredness and Secularization*. Paderborn; Leiden: Ferdinand Schöningh; Brill, 2019.

WESTPHAL, Euler R. *Ciência e Bioética: um olhar teológico*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2020.

WESTPHAL, Euler R. Der Mensch und seine Gefährdungen (Gn 4-11). In: FISCHER, Irmtraud; KOERRENZ, Ralf et al. *Jahrbuch für biblische Theologie: Bildung*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2021. p. 35-56. vol. 35.